

## PRÁTICAS EDUCATIVAS REALIZADAS NO ASSENTAMENTO TERRA VISTA E CRECHE OKA KATUANA: notas etnográficas

**ÁDILA FERNANDES TEIXEIRA**  
Universidade do Estado da Bahia – UNEB

**SIMONE AMADO DE SOUZA**  
Universidade do Estado da Bahia – UNEB

**SÔNIA MARIA ALVES DE OLIVEIRA REIS**  
Universidade do Estado da Bahia – UNEB

**DOMINGOS RODRIGUES DA TRINDADE**  
Universidade do Estado da Bahia – UNEB

### Resumo

O presente artigo visa relatar acerca do visto e do vivido em uma viagem de campo realizada pelos/as estudantes do curso de pedagogia noturno, da UNEB-Campus XII, no Assentamento Terra Vista, situado no município de Arataca-Ba e na Creche Oka Katuana localizada no distrito de Olivença em Ilhéus-Ba. Para a escrita deste artigo contamos com o apoio de autores como Molina e Jesus (2004), Tiriba e Profice (2018). Para coletar os dados utilizamos a observação e anotações etnográficas no caderno de campo. Ressaltamos a importância dessa atividade de campo para compreendermos as práticas educativas realizadas em contextos escolares e não escolares, assim como ampliar nosso conhecimento e experiências com sujeitos diversos que interrogam o nosso jeito de ser e estar no mundo.

5713

**Palavras-chave:** Assentamento. Educação do Campo. Creche Indígena. Práticas educativas

### Abstract

This article aims to report about the visa and the experience on a field trip carried out by students of the evening pedagogy course, at UNEB-Campus XII, in the Terra Vista Settlement, located in the municipality of Arataca-Ba and at Creche Oka Katuana located in the district of Olivença in Ilhéus-Ba. To write this article, we counted on the support of authors such as Molina and Jesus (2004), Tiriba and Profice (2018). To collect data, we used observation and ethnographic notes in the field notebook. We emphasize the importance of this field activity to understand educational practices and pedagogical practices carried out in school and non-school contexts, as well as expanding our knowledge and experiences with different subjects who question our way of being and being in the world.

**Keywords:** Settlement. Rural Education. Indigenous Daycare. Educational practices.

## Introdução

Este artigo é o resultado de uma viagem de campo realizada pelo quarto semestre do curso de Pedagogia. Compreende-se a importância da realização desse tipo de atividade de ensino para os/as estudantes em formação possam adquirir experiências e conhecimentos acerca das realidades existentes, explorar e aprender mais sobre a história, cultura e especificidades dos povos de um determinado lugar.

Os *lôcus* da viagem foram em um assentamento do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra - MST, localizado no Sul do Estado da Bahia. Sua ocupação deu-se em 8 de março de 1992 em homenagem ao dia das mulheres, mas só conseguiram realmente retomar a terra em julho de 1994, após a 6<sup>o</sup> tentativa e com apenas 28 famílias.

O Assentamento recebe o nome de Terra Vista, sendo localizado no município de Arataca-BA, conta com 55 famílias, e tem uma extensão territorial de 913 hectares, sendo 313 de mata Atlântica preservada. O assentamento conta com duas escolas, sendo uma municipal e a outra estadual. A educação infantil e o ensino fundamental são ofertados na escola municipal e o ensino médio integrado ao técnico, com cursos profissionalizantes é ofertado na escola estadual.

Ao chegarmos no assentamento Terra Vista, visitamos a escola estadual Milton Santos para assistirmos uma palestra com Joelson, um dos primeiros moradores e líder do referido Assentamento, que relatou um pouco da história de luta e conquistas, destacando como se deu o processo de enfrentamento até conseguirem a posse da terra, a consolidação do movimento. Além disso, contou-nos como estão organizados os trabalhos, o que eles produzem, como se deu o surgimento do assentamento, como ocorre a organização dos níveis de ensino, dentre outras pautas abordadas.

Já em Ilhéus, visitamos a creche Oka Katuana, fundada por indígenas Tupinambás. Seguem a pedagogia da infância Tupinambá e suas professoras são indígenas, porém atendem crianças indígenas e indigenistas. Nessa creche podemos observar um pouco da cultura e vivência da infância indígena, compreendendo em um momento muito enriquecedor para a nossa formação. Assim, duas questões de pesquisa guiam este trabalho: a) como estão organizados

no aspecto político do trabalho e da educação formal e não formal? b) qual o contexto histórico do assentamento? Neste sentido, o objetivo deste artigo é fazer um relato do visto e do vivido no Assentamento Terra Vista e Creche Oka Katuana acerca das práticas educativas, organização do trabalho e vivências dos sujeitos.

## Práticas Educativas no Assentamento Terra Vista

As notas etnográficas permitiram uma compreensão da dinâmica das duas instituições de ensino do assentamento. Por meio de relatos do seu líder (Joelson), percebemos que há uma certa desatenção do poder municipal para com a educação do assentamento, pois a prefeitura não reconhece a importância da educação do campo para a construção das identidades dos sujeitos do campo e para a valorização da cultura desses povos. Como afirma Molina e Jesus (2004, p. 18) “A perspectiva da Educação do Campo é exatamente a de educar as pessoas que trabalham no campo, para que se encontrem, se organizem e assumam a condição de sujeitos da direção de seu destino. ”

Arataca é um município pequeno com aproximadamente 10.000 habitantes. Assim, os professores estão sempre em rotatividade, não são fixos, como relatou Solange, uma das líderes. Isso se configura em um desafio para a concretização da educação do campo, pois quando esses professores estão se politizando sobre a importância da pedagogia do campo e como trabalhar com essa pedagogia, por razões diversas são removidos e transferidos. Outra situação relatada são os professores que são concursados, mas sem o comprometimento com a realidade dos povos do campo. As metodologias de educação são vinculadas a um modelo de educação urbana, que não valoriza as identidades das escolas do campo. Dessa forma, os assentados lutam frequentemente para que se possa adquirir uma educação emancipatória e realizam constantemente formações com os professores para que se consiga adquirir essa conquista e cabe pensar que a Educação do Campo não combina com o modelo de educação urbana.

De acordo com Molina e Jesus (2004, p.15, 16)

A Educação do Campo é incompatível com o modelo de agricultura capitalista que combina hoje no Brasil latifúndio e agronegócio, exatamente porque eles representam a exclusão da maioria e a morte

dos camponeses. Educação do Campo combina com Reforma Agrária, com agricultura camponesa, com agroecologia popular. E é este, pois, o debate político que nos interessa fazer: como combater o latifúndio e a agricultura centrada no negócio; e como fortalecer um modelo popular de agricultura, identificando as características da produção camponesa que devem ser preservadas, e também as que devem ser transformadas na perspectiva de um outro projeto de desenvolvimento.

Segundo Solangeela, o assentamento possui muitos povos de várias identidades ancestrais, sendo indígenas, quilombolas, entre outros. Dessa forma, eles buscam por meio do MST trazer de volta esses sujeitos para a terra, não mais na condição de escravizados, mas como sujeitos livres, emancipados.

No assentamento observamos que cada sujeito está inserido em uma atividade, como por exemplo: os jovens participam do processo de produção do chocolate. Assim, adquirem uma renda vinda de dentro do seu espaço, sem necessidade de ir trabalhar fora. É uma prática educativa para esses sujeitos, pois aprendem e participam da dinâmica do assentamento por meio da sua força de trabalho em um processo de produção coletiva.

Figura 1: Chocolate produzido no Assentamento



Figura 2: Cacau produzido no Assentamento



Fonte: Acervo das pesquisadoras (2023)

Sobre o processo de produção, Joelson relatou que ao chegar no assentamento, os povos tiveram uma visão errada do que queriam fazer naquelas terras, tentando por diversas vezes plantar abacaxi, cacau. Mas com a visão que estavam tendo de apenas gerar capital, não conseguiram sucesso. No entanto, mudança ocorreu após acolher os ensinamentos de Ana Primavera “através da terra sadia, dá fruto sadio e nós ficamos sadios”. Com realização da transição

agroecológica conseguiram transformar aquele local, com a cooperação de todos, mas visando o bem-estar dos/das assentados/as.

Atualmente o local é repleto de plantações de cacau, banana, aipim, cupuaçu, entre outras. Realizam a plantação sem agredir a terra, apenas com a utilização de sementes crioulas, Os alimentos produzidos são usados para consumo de todos dos moradores. Conforme discutido por Molina e Jesus (2004, p. 42) “seu potencial de produção de alimentos está na diversidade, no uso múltiplo dos recursos naturais”, assim os movimentos camponeses estão em constante luta pelo fortalecimento da agroecologia e resistência à agricultura capitalista.

Sendo assim, no caso das mulheres, são denominadas como “guardiãs das sementes”, que realizam o trabalho de plantar as sementes para que possam transformá-las em: óleos essenciais, sabonetes, repelentes, pomadas, entre outras coisas. Esses produtos, feito pelas mulheres assentadas, são fruto de um trabalho de muita dedicação que gera autonomia financeira e fortalece o vínculo com processo de luta pela terra.

No que se refere às crianças, conforme observado, realizam atividades e brincadeiras diversas, elas são referência de força para os assentados. Um elemento muito marcante é a capoeira. Ao visitarmos a escola de Educação Infantil, observamos que a dança da capoeira é um saber expressivo que é praticado pelas crianças. Outro fato observado que é praticado no assentamento são as brincadeiras tradicionais. Ao vermos duas crianças brincando em um tabuleiro feito de pregos, percebemos que os brinquedos industriais são pouco utilizados, o que afirma o senso de pertencimento àquele lugar. Nesse contexto, no que se refere às crianças pertencentes ao campo é preciso refletir sobre como elas ensinam e aprendem.

Na Educação do Campo é preciso refletir sobre como se ajuda a construir desde a infância uma visão de mundo crítica e histórica; como se aprende e como se ensina nas diferentes fases da vida a olhar para a realidade enxergando seu movimento, sua historicidade e as relações que existem entre uma coisa e outra; como se aprende e como se ensina a tomar posição diante das questões do seu tempo; a respeitar e ao mesmo tempo reconstruir modos de vida; como se aprendem e como se ensinam utopias sociais e como se educam valores humanistas; também como se educa o pensar por conta própria e o dizer a sua palavra, e como se respeita uma organização coletiva. (Molina; Jesus, 2004, p. 26).

Figura 3: Tabuleiro de pregos



Fonte: Acervo das pesquisadoras.

Figura 4: Produção das mulheres no Assentamento



Essa passagem de Molina e Jesus (2004) vai de encontro ao que percebemos no assentamento. A forma como as pessoas respeitam e valorizam a cultura e as diferenças de cada indivíduo local, e daqueles que visitam para estudos e troca de saberes, é de fundamental importância, pois a cultura e nossos costumes são elementos que nos possibilitam construir a nossa identidade. Dessa forma, conforme observado, os sujeitos que vivem no Assentamento Terra Vista, buscam fortalecer sua cultura por meio da cooperação entre eles.

5718

### Práticas educativas na creche Indígena

A creche Oka Katuana é uma instituição indígena localizada no município de Olivença em Ilhéus e acolhe crianças indígenas e não indígenas, mas trabalham para que essas se tornem indigenistas, ou seja, que lutam e defendem a causa indígena. Ao chegarmos nessa creche deparamos com uma linda menina que nos recebeu com uma palavra da sua cultura “KATUARA” que quer dizer “BOM DIA”. Nessa creche indígena observamos que é trabalhada de fato a cultura, os costumes, as tradições dos povos indígenas Tupinambás. Trabalham com a pedagogia da Infância Tupinambá, na qual os/as professores/as da creche são também

professores/as indígenas e ressaltam a importância da afirmação da identidade indígena e a luta pelo direito de exercer a sua pedagogia. Segundo Tiriba e Profice (2018, p.31) “Num contexto de afirmação de modos de pensar e viver que são próprios, os sujeitos/o grupo afirmam seus direitos de etnia, enfatizando a cultura nativa como referência para a sua inclusão no meio socialmente letrado.” Além disso, os alunos e professores não ficam restritos aos espaços da sala de aula, mas exploram outros contextos, como a praia, as aldeias Tupinambás, o pátio da escola, assim eles interagem com diversos espaços e participam mais ativamente.

De acordo com Tiriba e Profice (2018, p.35):

Em interação com um universo que é mais amplo, que vai além das paredes das salas, aprenderão com alegria. E se a qualidade das aprendizagens é proporcional à qualidade das interações, então as crianças aprenderão melhor quando estiverem mais felizes, e cabe às instituições de educação infantil se empenharem na oferta de tempos e espaços que favoreçam a sensação de realização, de plenitude, de inteireza de corpo e espírito.

Além disso, as crianças da creche interagem juntos, as mais velhas ajudam a cuidar das mais novas. Essa prática é um dos costumes dos povos indígenas que é valorizada e trabalhada na creche. Ademais, os materiais utilizados na creche, são todos naturais, para trabalhar as cores, por exemplo, são extraídos da natureza, a cor vermelha é retirada da semente do urucum, a cor amarela do açafraão e a massinha é feita de argila. Dessa forma, os materiais pedagógicos estão intimamente ligados à cultura indígena. Há liberdade para que possam brincar e criar situações lúdicas da sua imaginação. A vivência em diversos espaços permite ter um leque de brincadeiras. Por não estarem restritas ao ambiente escolar, vivem e experimentam a natureza.

5719

Conforme afirma as autoras Tiriba e Profice (2018, p.41):

Ainda que já estejam presentes brinquedos industrializados e dispositivos eletrônicos, o senso de pertencimento biofílico é bastante alimentado nas atividades escolares cotidianas, por meio de suas brincadeiras com elementos do ambiente natural. De fato, raramente as crianças dispõem de brinquedos fabricados!

Como foi observado, as crianças são muito participativas. Através da dinâmica de escuta da criança adotada na creche há um incentivo para falarem e expressarem. Não são silenciadas em nenhum momento, conforme um episódio que

ocorreu em nossa visita, quando a professora da creche estava explicando sobre as cores das tintas naturais, uma criança levantava e mostrava a cor correspondente.

Dessa forma percebemos o quão importante é a participação e interação das crianças, pois isso propicia o desenvolvimento de sua autonomia e confiança. Nesse espaço observamos ainda, as produções culturais das crianças em forma de pinturas em tecidos e nas paredes, expressando um pouco a sua cultura e senso de pertencimento àquele lugar e comunidade, dessa forma reforça a pedagogia com a qual elas trabalham que fortalece a participação das crianças.

Figura 5: Produção das crianças



Figura 6: Produção das crianças



Fonte: Acervo das pesquisadoras.

5720

## CONCLUSÃO

Portanto, essa viagem de campo foi fundamental para adquirirmos maior conhecimento de outras culturas, sendo indispensável para a nossa formação como pedagogas. Dessa forma, vivenciamos diversos contextos de educação do campo e indígena sendo necessário para que possamos compreender na realidade como funciona esses ambientes, no que se refere a organização das práticas educativas e quem são os sujeitos que participam desses lugares.

No assentamento, conseguimos vivenciar e conhecer diversos contextos e culturas. Entendemos como foi o processo de luta pela terra, até conseguirem de fato se assentarem naquele local, mesmo com os desafios que foram enfrentados e ainda são, devido ainda a desvalorização por parte dos órgãos públicos da importância da Educação do Campo para os sujeitos do campo, que deve ser desvinculada a Educação urbana. Compreendemos como todos os grupos fazem

parte de alguma atividade no assentamento, participando do processo produtivo e reconhecimento da importância de sua cultura, para que possam continuar nesse processo de luta por reconhecimento e direitos.

Na creche indígena que visitamos, experienciamos como as crianças participam da educação e como são trabalhadas as práticas educativas na educação escolar indígena. Compreendemos a importância da creche indígena em que garante aos povos indígenas uma reafirmação e valorização das suas identidades e cultura no qual proporciona que as crianças vivenciam e conheça sobre a história, luta e língua do seu povo. Foi observado também como os professores desenvolvem atividades relacionadas aos costumes e tradições dos indígenas, eles levam a dança como forte instrumento de luta e cultura para ser trabalhada com as crianças, os aspectos relacionados à natureza também são importantes e fazem parte das atividades realizadas na creche.

Dessa forma, se faz importante a realização de viagens de campo, para que se possa aprender vivenciando no contexto de determinado local. Ressaltamos ainda, a importância de uma Educação do Campo que esteja vinculada a realidade dos povos do campo para que esses reafirmem a sua cultura e os seus direitos como cidadãos do campo. No assentamento visitado podemos observar que apesar dos limites e dificuldades para que se realize de fato essa educação, eles lutam para que venha se tornar uma realidade daquele local, reconhecendo a importância para as crianças e os jovens do campo. Em suma, o que buscamos relatar foi o que de acordo os nossos olhos percebemos e vivenciamos naquele local, para que mais pessoas possam ter acesso ao que podemos viver e fiquem cientes de outras realidades existentes em nossa sociedade.

## Referências

ARROYO, Miguel. **Pedagogias em Movimento** – O que temos a aprender dos movimentos sociais? Currículo sem Fronteiras, v.3, n.1, pp. 28-49, Jan/Jun 2003.

MOLINA, Mônica Castagna. JESUS, Sonia Meire Azevedo de. **Por uma Educação do Campo**. 5. ed. Brasília, 2004.

TIRIBA, Léa. PROFICE, Christiana Cabicieri. **Crianças Tupinambás**: Rios, Colinas, Bancos de areia e matas como lugares do brincar cotidiano. Revista Teias, v. 19, n. 52, p. (28-47), 2018 (Jan/Mar).

Autor 1:



**ÁDILA FERNANDES TEIXEIRA**

Estudante do Curso de Licenciatura em Pedagogia pelo Departamento de Educação - Campus XII da Universidade do Estado da Bahia (UNEB).

Email: [adilafernandes23@gmail.com](mailto:adilafernandes23@gmail.com)

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4824562052373513>

Orcid: <https://orcid.org/0009-0006-6095-2195>

Autor 2:



**SIMONE AMADO DE SOUZA**

Estudante do Curso de Licenciatura em Pedagogia pelo Departamento de Educação - Campus XII da Universidade do Estado da Bahia (UNEB).

E-mail: [simoneamado17@gmail.com](mailto:simoneamado17@gmail.com)

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0054362617359089>

Orcid: <https://orcid.org/0009-0001-6464-9752>

**AUTOR 3:  
FOTO DE ROSTO**



**SÔNIA MARIA ALVES DE OLIVEIRA REIS**

Mestre e Doutora em Educação pela FaE/UFMG. Professora titular da Universidade do Estado da Bahia (UNEB) – Campus XII. Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGED/UESB) e do Programa de Pós-Graduação em Educação e Formação Docente (PPGEDuF/UNEB). É líder do Núcleo de Estudos, Pesquisa e Extensão Educacional Paulo Freire – Nepe/CNPq.

EMAIL: [smoliveira@uneb.br](mailto:smoliveira@uneb.br)

LATTES: <http://lattes.cnpq.br/9391155498685665>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0129-0719>

**AUTOR 4:  
FOTO DE ROSTO**



**DOMINGOS RODRIGUES DA TRINDADE**

Mestre e Doutor em Educação pela FE/UnB. Professor titular da Universidade do Estado da Bahia (UNEB) – Campus XII. Professor do Programa de Pós-Graduação em Educação e Formação Docente (PPGEDuF/UNEB). Vinculado à Linha de Pesquisa: Educação do Campo, Educação de jovens e Adultos e Movimentos Sociais do Núcleo de Estudos, Pesquisa e Extensão Educacional Paulo Freire – Nepe/CNPq.

EMAIL: [dtrindade@uneb.br](mailto:dtrindade@uneb.br)

LATTES: <http://lattes.cnpq.br/3020780194610500>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0836-9051>